

REVISITAR A CASA BACHELARDIANA: UM DEVANEIO-MANIFESTO SOBRE O IMAGINÁRIO ESTÉTICO E POLÍTICO EM UM HABITAR LATINO-AMERICANO

Gabriel Kafure da Rocha¹

RESUMO

O presente artigo se constitui em uma reflexão que tenta responder à seguinte questão: o que é habitar “a casa”? A partir dessa provocação, buscamos refletir singularmente e criticamente com a “filosofia do não” bachelardiana, bem como complementar com traços heideggerianos da relação entre Ser e Habitar, aplicada a uma contextualização latino-americana de alguns movimentos artísticos e intelectuais. Para isso, fazemos uma revisitação ao conceito de casa em Bachelard para compreender o eterno-retorno que todo ser empreende (o ir-e-vir entre trabalho e casa, o público e o privado, *animus* e *anima*) e encontrar as diferenças possíveis de pensar além da técnica em novas topofilias e heterotopias enquanto paisagens possíveis do abrir as janelas do imaginário da nossa visão atual sobre casas culturais. Como resultado, entregamos um apêndice de uma carta imaginária a Bachelard na tentativa de imaginar qual seria a resposta para essas provocações da parte do próprio filósofo.

Palavras-Chave: Topofilia. Heterotopia. Bachelard. Heidegger.

ABSTRACT

This article constitutes a reflection that tries to answer the following question: What is it like to live in “the house”? From these provocations, we aim to try to reflect singularly and critically with Bachelardian “philosophy of no”, as well as complementing with Heideggerian traits of the relationship between Being and Dwelling, applied to a Latin American contextualization of some artistic and intellectual movements. For this, we revisit Bachelard’s concept of home to understand the eternal return that every being undertakes (the coming and going between work and home, the public and the private, *animus* and *anima*), and to find the

1 Docente permanente do Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO Núcleo Instituto Federal do Sertão Pernambucano, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica ProfEPT também do IFSertãoPE, assim como do Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: Gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br.

possible differences to think beyond the technique in new topophilies and heterotopias as possible landscapes to open the imaginary windows of our current vision about cultural houses. As a result, we deliver an imaginary letter to Bachelard in an attempt to imagine what would be the answer to these provocations on the part of the philosopher himself.

Keywords: Topophilia. Heterotopia. Bachelard. Heidegger.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa (*Maison-là*); e todas as outras não passam de variações de um tema fundamental. A palavra hábito está demasiado desgastada para exprimir essa ligação apaixonada entre o nosso corpo que não esquece e a casa inolvidável. (BACHELARD, 1993, p. 34)

Neste pequeno texto tentaremos demonstrar por meio do conceito de devaneio-manifesto² como o imaginário da casa vem sendo reconstruído por uma nova noção da casa como *Óikos* e *Ethos*, ou seja, economia e ética, para habitar os nossos espaços de maneira mais inteligente e, quem sabe, biomimética. A biomimese foi apontada por um filósofo francês, Philippe Pierron (2017), justamente como uma das instâncias que a “arquitetura” bachelardiana encontra uma maneira mais ecológica de habitar.

Essa afirmação se deve, portanto, ao fato de que Bachelard falava sobre o valor imaginário que os caramujos e os pássaros têm para nós, um valor de semelhança com o ser humano, pelo fato de habitarem. Podemos então refletir o que é a casa na filosofia bachelardiana e ao que ela pode nos convidar nessa visita? Tentaremos dividir este texto em alguns espaços, a começar pelo sótão, o âmbito ontológico e linguístico, e chegando ao porão, o âmbito mais subjetivo da casa natal e imaginária. Não podemos deixar de comentar alguns espaços que foram pouco frequentados por Bachelard, como o jardim, âmbito paisagístico e quicá ecofenomenológico³.

2 Esse conceito foi criado por nós como uma contraposição a outras formas de pensar que acabam sendo recalçadas e estruturadas pela técnica ou ideologias políticas, o *devaneio-manifesto* é na verdade a manifestação do sonhar acordado e da importância que esse tipo de linguagem tem para o autoconhecimento da relação entre consciente e inconsciente como uma forma original de pensar.

3 Por ecofenomenologia entendemos uma nova corrente metodológica de pensamento, desenvolvida por comentadores de Gadamer (2016), como Drenth (2015) e Van Buren (1995), mas que, ao mesmo tempo, têm ressonância com o tipo de pensamento ameríndio compreendido por filósofos brasileiros, como Ailton Krenak (2019).

Ao tocar a campainha ou bater à porta, o o primeiro pensamento que nos toma é: quem estará do lado de dentro? Mas, para quem está do lado de dentro, a pergunta “quem é?” iguala o paradoxo, e talvez o fora e o dentro troquem, de certa forma, o seu lugar quando pensamos numa ontologia da casa. Estar dentro de casa seria um espaço muito mais propício para projetar o Ser do que o estar do lado de fora, onde o Ser acaba se guardando e protegendo da violência do mundo. Parece-nos que a fenomenologia da imaginação é como um olhar pelas frestas, espiar o buraco da fechadura antes de encontrar a chave conceitual para abrir a casa do Ser de alguma filosofia. Ao olhar pela fechadura de casas heterotópicas, de espaços de passagem que se põem como perspectivas culturais diversas, podemos traçar cartografias entre as casas que povoam o nosso imaginário e concretizá-las por meio de caminhos que podem não ser mais simples trilhas do pensamento, mas ruas asfaltadas pela História da Filosofia.

A rua que nos leva às heterotopias, espaços outros, é inspirada nesse conceito criado por Foucault (2010), esse caminho nos mostra que, quando entramos na casa, entendemos que ela é o nosso espaço da intimidade e da liberdade, ainda que, muitas vezes, possamos trazer da rua alguns dispositivos que sequer entendemos ou admitimos que nos dominam: ideologias, práticas de controle familiar, biopolíticas que nos põem perante um panóptico de redes sociais que nos vigiam, mesmo quando pensamos viver a intimidade.

FENOMENOTÉCNICAS DO HABITAR

Assim, uma imensa casa cósmica existe potencialmente em todo sonho de casa. De seu centro irradiam-se os ventos e as gaivotas saem pelas janelas. Uma casa tão dinâmica permite ao poeta habitar o universo. Ou, noutras palavras, o universo vem habitar sua casa (BACHELARD, 1993, p. 67)

Voltando ao pensamento de Bachelard (1993), nosso guia filosófico da ontologia da casa que teve, inclusive, grande influência sobre o pensamento de Foucault. Em sua famosa obra *A poética do espaço* (escrita em 1957), junto com a *Poética do devaneio* (publicada originalmente em 1960), Bachelard fundou a base de sua construção intelectual, que vinha sendo construída por diversas descontinuidades entre a epistemologia e a poética. É importante ressaltar que um dos conceitos de sua epistemologia, a fenomenotécnica, pode ser justamente interpretado como a capacidade de

criar fenômenos, e por isso será aplicado aqui também à criação de fenômenos do imaginário⁴.

Ora, o objetivo de Bachelard era nos trazer as imagens da nossa intimidade, demonstrando por meio de uma topoanálise (análise dos espaços) da casa que ela é, nada mais nada menos, que um espaço feliz, ou “Topofilia do ser, é a topografia da existência íntima do homem. Na imagem da porta, que constitui o núcleo da poética da casa. Bachelard repensa a analítica heideggeriana da existência. Com efeito, o *Dasein* (*Être-là*, 1993, p. 160) corresponde à expressão *Maison-là* (SOUZA, 1987, p. 70).

Pensar em revisitar essa casa ontológica, que foi um dos temas principais da minha tese de doutorado, *Metaontologia dos espaços: uma aproximação geopoética por Bachelard ao encontro de Heidegger*⁵, é sempre repensar o nosso habitar. Assim, essa proximidade entre Bachelard e Heidegger (apesar de o filósofo francês não gostar dessa comparação com o filósofo alemão), nos dá o que pensar originariamente acerca de aproximar filosofias francesas e alemãs num sentido de complementaridade e ruptura do âmbito da linguagem, ligado principalmente ao jeito francês-brasileirado de pensar.

De fato, tanto Heidegger quanto Bachelard reservaram um lugar especial ao *topos* da poética. Heidegger (2007) tinha um estilo camponês de falar a partir da sua cabana na Floresta Negra, que nos mostrava os caminhos do bosque como caminhos do pensamento. Heidegger entendia que os caminhos do pensamento são como as trilhas que a água da chuva traçava na floresta, esses eram os caminhos que os caçadores (ou pensadores, elevando a um sentido análogo do conceito fenomenológico da intencionalidade, como o pensamento estar sempre caçando algo) seguiam para encontrar seus destinos.

Segundo Heidegger (2007), a filosofia, em outras palavras, havia abandonado, esquecido seu destino na confusão que empreendeu entre o Ser e o Ente⁶. “Ser, habitar e pensar” é um título de um texto heideggeriano que diz que Ser (em alemão *bin*) e construir (em alemão *bauen*) são verbos que têm uma mesma raiz etimológica, e que a falta da prática dessa relação

4 Esse estilo de escrita bachelardiana tem como inspiração o poeta-pensador Zander Gueiros (2022) em seu livro *Devaneios entrópicos*.

5 Podemos dizer que o presente texto se constitui como uma espécie de prólogo ou posfácio a tese, colocando a concretude crítica das questões levantadas até então de uma maneira mais abstrata.

6 O Ente, ou em latim, *ens*, é o que está sendo, ou seja, a manifestação do Ser, já o Ser, é, o próprio conjunto total de possibilidades que o Ente tem. Ainda assim, o próprio Ser não pode ser conceituado, pois na mesma medida que ele se desvela, ele também se vela constantemente.

de alguma forma nos levou a uma grande crise da habitação. Assim, deduzimos que habitar é ser, e que esse Ser que se mostra e se esconde todo o tempo tem um véu (que talvez possa ser entendido na mesma noção do véu da deusa hindu Maya, que esconde a verdade).

Retomando essa ideia da *Maison-là* (ente habitacional) bachelardiano em contraposição ao *Être-là* (Ser-aí ou *Dasein* heideggeriano, o ente humano), podemos dizer que, de acordo com Bachelard, esse véu do ser seria muito mais concreto, assim como, no mundo animal, o véu é como uma espécie de concha. É a simbolização de que, mesmo os seres vivos mais primários têm sempre uma casca/ninho/casa. Relembrando que o caramujo se abriga em sua concha e cresce com ela numa grande espiral natural, podemos representar que, na natureza humana, o resultado dessa relação entre a natureza e a linguagem, casas, indivíduos e sociedade é a cultura.

Podemos aqui esclarecer um desvelamento linguístico que encontramos ao estudar a filosofia bachelardiana na língua francesa: na própria linguagem, é como se a casa do ser (*Maison d'être*, que para Heidegger seria a própria linguagem, a morada do ser) pudesse ser entendida com uma espécie de macete para dizer as coisas no passado perfeito; nisso, o ser (verbo auxiliar *être* em francês) é o topos onde estão os movimentos do nascer, morrer, crescer, descer, subir, chegar, voltar, descansar e morrer. A maioria das outras situações estão ligadas ao verbo haver/ter (verbo auxiliar *avoir* em francês). O que isso quer dizer em termos filosóficos? O que há na casa ontológica é o que nos levará à relação entre o ser e ter.

Ora, sabemos que vivemos num tempo altamente ligado ao “ter”, e que isso preconiza nossa ansiedade em muitos aspectos, pois muitas vezes não sabemos lidar com a nossa liberdade do ser e queremos ter e consumir para tentar preencher o vazio do ser. As pessoas muitas vezes acabam substituindo a *Presença* (mais uma das significações do *Être-là*) por manifestações virtuais das redes sociais ou mesmo por objetos e *souvenirs* que representem seus sentimentos. O fato é que o “ter” uma casa, é um sonho de todos, jovens e idosos, que, quando o realizam, acabam se dando conta invariavelmente de uma facticidade: assim como nós, nossas casas envelhecem, se tornam mais apertadas com o crescimento da família e da quantidade de cacarecos que costumamos acumular escatologicamente.

Ainda que esses conceitos ontológicos possam parecer demasiadamente técnicos para iniciar nossa visita à casa bachelardiana que representa nossa subjetividade, nos parecem necessários justamente para contrapô-los às casas cada vez mais “inteligentes”, automatizadas, que a inteligência artificial nos mostra... Imaginando então que, nesse convite a revisitar a nossa casa imaginária, temos um arquiteto chamado Bachelard que

quer nos mostrar a planta baixa da casa por meio dos níveis fenomenológicos (topoanálise, a ferramenta conceitual que vai nos permitir transitar verticalmente por esses níveis, como uma espécie de escada que vai do porão ao sótão). Podemos aprofundar esse aspecto técnico de como conceituar a casa imaginária e natal em Bachelard. Notem que, na filosofia bachelardiana a “casa natal” é um dos modos de se referir à casa onde nascemos ou simplesmente crescemos e temos como referência principal. Esse tipo de casa simboliza conforto, segurança e memórias infantis que constantemente acessamos na maneira como nos relacionamos, até com a proximidade e distância das nossas relações pessoais. Já a “casa onírica”, manifestação que aparece em nossos sonhos de múltiplas formas, representa mais propriamente os nossos desejos e a ansiedade que podemos desvendar de nosso inconsciente. Bachelard nos mostra como nossa personalidade e nossas necessidades emocionais e psicológicas estão relacionadas aos afetos que nutrimos por nossa casa, por isso cuidar bem de nossa casa é cuidar de si. Uma casa bem-organizada é um imaginário fértil que permite também um equilíbrio com a mente ou o espírito científico.

Pensemos, então, na descontinuidade entre o espaço da infância no campo, onde Bachelard nasceu e cresceu, e o cubículo de um apartamento funcional na Sorbonne, onde viveu quando se tornou um famoso filósofo em Paris. Bachelard filosofou muito sobre seu desprezo pelos apartamentos, justamente porque, em Paris, viveu num que tinha cerca de 25 metros quadrados. Bachelard entendia que a casa imaginária poderia nos levar a encontrar um cômodo de maior afeto, e é esse sentimento que nos apega ao que chamamos “lar”, encontrar o nosso canto, independente do tamanho da casa.

Podemos considerar que topofilia é aquela descoberta que nomeia os lugares, uma casa qualquer que olhamos por aí, é uma casa qualquer até que a conhecemos e nomeamos, fazendo dela parte do nosso mapa imaginário. Já estamos adentrando a casa bachelardiana do imaginário, podemos dizer que ela nos atrai pela força poética com que Bachelard adorna seu espaço pleno de livros na biblioteca⁷.

Segundo Bachelard, o paraíso é uma grande biblioteca. Portanto, é folheando seus livros que temos de abrir a porta de sua filosofia, e a chave é a relação paralela, contraditória, mas não antagônica entre o dia e a noite. “No reino dos valores, a chave fecha mais do que abre. A maçaneta abre mais do que fecha” (BACHELARD, 1993, p. 85). O homem das 24 horas

⁷ Nesse vídeo realizado com melhores momentos durante um dos encontros virtuais do evento *Bachelard no Brasil*, é possível conhecer um trecho dos registros que foram feitos de Bachelard na biblioteca de sua casa: <https://youtu.be/jMQhvNaSUk8>.

nos convida a entrar na sua casa durante o dia e a perceber como o espaço das ciências é formado pela concepção física de que o espaço comprime o tempo na medida em que se expande⁸.

O universo está em expansão, em contraposição ao nosso tempo, que parecer ir se comprimindo pelo excesso de informações que experimentamos cotidianamente, com as redes sociais tomando cada vez mais nosso tempo. Ao mesmo tempo que publicamos nossa vida íntima nessas mesmas redes, o tempo devora o nosso ser-si-mesmo, na medida em que confundimos a esfera pública com a esfera privada.

É aí que vemos como precisamos organizar melhor nossa casa, para podermos rever também o valor do nosso trabalho. Ora, o *lockdown* que vivemos durante os quase dois anos de pandemia de Covid-19 representou muito esse momento: fazíamos tudo em casa, trabalhávamos em casa, reformávamos nossa casa e deixamos de visitar a casa dos outros.

Até que, quando pensamos que o pandemônio desse espírito do tempo (*Zeitgeist*) havia findado, pudemos vivenciar certo pesadelo da casa, assim conceituada pela consciência de que, afinal, casas caem, podem ser incendiadas, roubadas... O que pudemos ver, no Brasil, agora pensando no imaginário da casa do poder, foi a depredação do centro político da nossa República por terroristas. Fala-se na Casa Branca norte-americana, na Casa Rosada argentina, mas qual é a cor da nossa Casa de Poder depois dessa dilapidação? Parece-nos que devemos aprender um pouco mais com nossas micropolíticas culturais.

Creio que se trata de um problema fundamental para o qual certos grupos culturais parecem ter alguma resposta, mesmo antes de toda essa tragédia política ter acontecido. Morar em casas coletivas, utilizando o espaço de uma casa não só para habitar, mas para fazer nela atividades culturais como exposições, saraus, shows, aulas. Tal prática, que vem cada vez mais se popularizando em comunidades culturais de determinados bairros e cidades, pode fazer a diferença para revelar e valorizar talentos artísticos locais. Também podemos citar, na história recente da arte, inúmeros artistas que consagraram sua casa ou tiveram sua casa consagrada depois de morrer.

Talvez Niemeyer tenha também nos consagrado não sua casa, mas sua construção arquitetural para que possamos aprender a habitá-la: a nação

8 “Sendo mais claro, gostaria de discutir um tema que não é o de hoje, tema que chamaria ‘o homem das 24 horas’. Parece-me, portanto, que se quisesse dar ao conjunto da antropologia suas bases filosóficas e metafísicas seria imprescindível e também suficiente, descrever um homem durante as 24 horas de sua vida” (BACHELARD, 1973, p. 54).

Brasil. A partir disso, podemos observar a diferença entre heterotopia e topofilia: enquanto a topofilia bachelardiana se refere ao afeto pelos lugares, à forma como as pessoas habitam e se relacionam em seus lugares afetivos e como essas relações também afetam o mundo, a heterotopia foucaultiana nos desafia a pensar naqueles que dizemos estar “fora do lugar”. Ora, mesmo que um lugar tenha características que o diferenciam de outros lugares, nem todo lugar parece ter uma função na sociedade. Foucault entende como os lugares heterotópicos também podem ser utilizados para controlar e disciplinar as pessoas. Contudo, diferentemente de espaços como escolas, hospitais, manicômios ou prisões, a heterotopia se concentra em relações passageiras com lugares em que não temos tempo sequer de criar e consolidar um afeto ou desafeto. Hotéis, casas de passagem, talvez até mesmo feiras e supermercados podem se enquadrar como espaços heterotópicos. Enquanto Bachelard se concentra nas relações positivas entre as pessoas e os lugares, Foucault se concentra nas relações negativas, no sentido de ser algo de natureza ainda não refletida pela filosofia. É claro que isso dá uma grande oportunidade ao nosso *animus* científico de encontrar novas possibilidades de reflexão e sentido sobre esses espaços.

A maneira que encontramos para exemplificar esse encontro entre heterotopia e topofilia, entre o artístico e o intelectual, são duas casas-museu que promovem um encontro entre culturas latinas e europeias: a casa azul de Frida Kahlo e a casa vermelha de Trotsky, ambas situadas na Cidade do México. Tratamos dessa questão anteriormente, em um capítulo de um livro que foi fruto de uma visita que fiz à Cidade do México, a convite da UAM através do Prof. Armando Cisneros⁹. O que defendemos é que ambas as casas representam espaços heterotópicos diversos, o primeiro deles, a Casa Azul, demonstra como uma mulher foi capaz de transcender os problemas da sua casa-corpo por meio da arte. Frida fazia de cada espaço da sua casa uma obra de arte, até mesmo o seu banheiro tinha um espelho no teto onde ela se banhava e contemplava a si mesma e sua dor para fazer arte.

Essa ideia de um espelho no teto tem, no mínimo, um toque um tanto surrealista, típico do muralismo mexicano e por si mesma evoca a ideia surracional (conceito Bachelard criou para apontar como a revolução do inconsciente nas artes foi fundamental para desconstruir a interpretação da relatividade do espaço-tempo nas ciências), que se contrapõe paradoxalmente ao panóptico, quando chegarmos à Casa Vermelha de Trotsky. Não há tanta coisa atrativa na casa vermelha quanto na casa azul. Cerca de muros e torres de vigilância, a casa mexicana de Trotsky é também

9 Uma das palestras ministradas nessa viagem pode ser acessada pelo link: https://youtu.be/2GCrT_XiPDg.

hoje um espaço cultural/museu, mas, em vez de convidar à intimidade, como faz a Casa Azul, o objetivo dela, desde sempre, foi proteger a vida de um político e intelectual perseguido pelo totalitarismo stalinista. A triste ironia da casa de Trotsky foi que, de tanto olhar para fora, não conseguiu perceber a armadilha arquitetada por um agente stalinista que se fez companheiro de sua secretária e, com isso, conseguiu acessar o interior da casa para assassinar o líder soviético exilado.

A heterotopia da casa fúnebre, a casa em que hoje encontramos o próprio túmulo de Trotsky, é que, com essa morte, se enterrou também o que haveria de mais utópico da intelectualidade socialista marxista, a possibilidade de Trotsky dar continuidade ao legado de Lênin e fazer do comunismo russo a realidade mais fiel da obra de Marx.

É claro que isso são hipóteses que nunca poderão ser provadas, uma vez que permanecem num “e se...” infinito, talvez se pensarmos que esse “se isso ou aquilo ocorresse” não sairíamos do tom profético dialético de fatos que poderiam ser evitados.

Tanto a casa de Trotsky, no México, como as casas dos três poderes, na capital brasileira, estavam fadadas a sofrer atentados terroristas pelo simples fato de olharem somente para fora e de não terem o olhar ético/estético e crítico da subjetividade de um indivíduo, sociedade, nação. O mais trágico é que, como diria Marx (2011, p. 25): “todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. [...] a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. E o que vimos nisso tudo não tem nada de utópico, mas sim um drama atópico, pelo fato de tais regressões éticas não poderem ter lugar no nosso mundo, planeta, sociedade, lugar.

Ou seja, um outro espaço possível enquanto microrrealidades, como essas casas culturais que comentamos acima, nos voltam a uma outra topologia intelectual que Foucault nos ofereceu. No seu *Outros espaços* (2009), podemos interpretar que o museu-casa é um sentido heterotópico possível da hermenêutica da subjetividade que cada um de nós vive e deixa como legado para as próximas gerações.

Ora, me parece perfeitamente plausível revisitar esses espaços heterotópicos e ressaltar a importância que eles têm como manutenção desse fenômeno-ser que também foram os/as grandes artistas brasileiros, como a Casa de Jorge Amado; a Casa de cultura Mario Quintana; o Espaço Pasárgada de Manuel Bandeira; o Memorial Raquel de Queiroz. Enfim, cito esses exemplos para contextualizar nossa realidade, sabendo que todo artista merece ter sua casa consagrada à sua arte, assim como todo cidadão merece uma casa digna de ser adorada, adornada, enfim, habitada com todo seu Ser.

Não é, por certo, o caso da Casa de Clarice Lispector em Recife, por exemplo, situada na praça Maciel Pinheiro, junto à conhecida rua do Hospício, que tem estado literalmente abandonada, pelo menos até o presente ano, 2023. Em outras palavras, entregue “às baratas”, tal qual sua *Paixão segundo G.H.* De fato, neste caso, parece que o destino do ser que Heidegger previa, a ruína, não deva invalidar também o seu valor. Cidades arruinadas pelo tempo, como Alcântara, no Maranhão, onde se convive poeticamente com esse fato, aliás; ou o Reviver de São Luís do Maranhão; ou muitas casas do Pelourinho, do Recife Antigo, entre muitas outras cidades com casarios coloniais, revelam que esse movimento de abandono de muitas casas de bairros coloniais se deu em busca das novas moradas em novos bairros, construídos e projetados em novas tentativas de urbanização (pseudo)planejada no Brasil.

Esse foi o caso de Brasília? A nossa casa dos três poderes? Parece-nos que, paradoxalmente ao fato de ser uma cidade que se tornou uma das maiores do Brasil em décadas, com toda a sua pompa de cidade planejada, ela também se tornou ruína de uma democracia que não alcança realmente a representatividade. Nossa democracia deveria ter a representatividade não de partidos contraideológicos bipolares, mas de partidos que pusessem minorias como a de negros, mulheres, LGBTQIA+, artistas, professores/educadores, no lugar que elas realmente merecem, e não simplesmente uma grande maioria de empresários, aristocratas, fazendeiros etc. Ou desses que pretenderam tomar o poder e desdenharam da República financiando atos antidemocráticos.

O fato é que parece que não saímos da dialética paradoxal das casas coloniais, que escondiam uma espécie de porão/senzala/navio negreiro, tal como a casa-grande x senzala de Gilberto Freire. Ou seja, relendo Bachelard, podemos constatar que nosso porão das pulsões é uma senzala em busca de liberdade, prazer, legitimidade, reconhecimento.

Talvez com essa questão aparentemente estejamos migrando também da casa bachelardiana, mas o que queremos demonstrar com este argumento é que a falta de valorização ontocrítica do habitar se desdobra nos vários problemas sociais e urbanos. Não é por acaso que Bachelard falava do complexo dos esgotos de Paris como um complexo anal manifesto (SILVA, 2013, p. 40), que Victor Hugo descrevia como o Leviatã, esse monstro biopolítico coercitivo que revela o problema de habitar, tal qual as favelas cariocas com vistas maravilhosas e violência extremas, bem como problemas sérios de saneamento básico.

Parece que o habitar da palafita à casa-grande, do engenho monocultural de nossa colonização não aprendeu nada com o biomimetismo das

ocas indígenas. Decerto que uma casa sem portas e sem janelas, onde o único cômodo que conhecemos é a uma múltipla varanda com redes que se sobrepõem umas às outras, é em tudo estranho à cultura ocidental, justamente porque nela não há vida privada, tudo é coletivo, tudo é social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lâmpada sobre a mesa da casa familiar é também um centro do mundo. A mesa clareada pela lâmpada é, por si só, um pequeno mundo. Um filósofo sonhador não poderá temer que nossas iluminações indiretas não nos façam perder o centro do aposento da noite. (BACHELARD, 1996, p. 308)¹⁰

O que nos resta então a filosofar? Parece-me que, enquanto Heidegger foi assertivo sobre o papel da destruição enquanto um novo começo, Bachelard teve a sagacidade de entender que o movimento de ir e vir, fundamental enquanto direito democrático de cidadãos do mundo, é um devir tangenciado pelo devaneio. Resta-nos então a visão esperançosa de que nossas casas imaginária (Inconsciente Coletivo) e natal (nosso país) precisam de novas utopias, novas formas de renovar a nossa democracia ou mesmo criar outras formas de governança. Se estaremos fadados no futuro a sermos governados por uma Inteligência Artificial, é porque não paramos para pensar criticamente na grande ambiguidade técnica que pode levar à nossa destruição ou, paradoxalmente, à salvação. Nossa Casa-aí, aqui ou lá (*Maison-là*), seja em nossa micropolítica familiar, seja em nossa macropolítica, biomimética e ecofenomologicamente, parece ser um sentido plausível para habitar de uma forma menos androide e mais

10 Não podemos deixar de citar a importância também a grande contribuição que o filósofo pernambucano Evaldo Coutinho (1988) em seu *O Espaço da Arquitetura* nos traz também para o conceito da casa, abordado no artigo *Arqui-textura dos espaços: um diálogo entre Bachelard e Coutinho* (2021) que nos fornece aspectos solipsistas importantes sobre o que é habitar o mundo como por meio da consciência da chama de uma lâmpada.

andrógena¹¹. A inteligência artificial não sonha, o que nos resta enquanto pensar original é a criatividade do nosso devaneio-manifesto.

APÊNDICE

Uma carta a Bachelard

Por, Gabriel Kafure da Rocha (IFSertãoPE)

Estimado Monsieur Gaston Bachelard,

Estive recentemente realizando aquele que deve ter sido um dos primeiros colóquios online sobre a sua filosofia, chamado Bachelard no Brasil, e foi curioso que nesse evento um colega psiquiatra vinha comentando como na sua época as comunicações por carta eram demoradas, o papel provavelmente pesado, a ponta da pena e a tinta tornavam trabalhoso o processo de comunicação. Posso dizer, então, que, aqui no Brasil, sua filosofia chegou como uma mensagem, tardia ou não, muito querida por pessoas que tomam sua inspiração noturna e diurna para interpretar seus mundos, realidades e sonhos. Enveredando pelo imaginário, creio que uma das percepções que me foram caras durante esse evento foi ter feito um pequeno vídeo com os melhores momentos de todos os pesquisadores que participaram das entrevistas e do colóquio; a ideia da homenagem era a de adentrar na sua casa, ver seus livros e como eles se desdobraram em tantos outros, para podermos nos aproximar dessa sua própria amizade pela sabedoria e poder chamá-lo de “Bachelard”. Em todo caso, gostaria de contrapor a sua filosofia a uma época em que, com todos os avanços na comunicação e da técnica, as pessoas não escrevem mais cartas. Nada contra os e-mails, é uma fenomenotécnica, algo que surgiu, mas ainda assim nos parece que falta algo daquela chama da vela que Descartes descreveu e que você ressignificou como vetor do devaneio. Lembro-me dos desafios pelos quais passei, que envolveram também ter que estudar com

11 Apesar de não ter comentado sobre essa questão, que foge ao tema, a androginia do imaginário é um dos temas que Marcelo de Carvalho (2013) nos deixou em um importante livro chamado *Gaston Bachelard e a androginia da alma*. A ideia básica é que Bachelard, tal qual Platão, deu um patamar importante para a complementariedade andrógina enquanto lado feminino e masculino em equilíbrio na sua filosofia da imaginação. Algo curioso nesse sentido é como outra pesquisadora, Danielle Pitta, desenvolve por meio da ideia de que é nas culturas afrodescendentes que essa forma de habitar o sagrado com deidades andróginas, Oxumaré, por exemplo, e por uma não negação da sombra entre o masculino e o feminino, que faz das religiões como o candomblé tão afinadas a uma pós-modernidade líquida. “Terminando com Bachelard e Oxum: ‘O riacho, o rio, a cascata têm, pois, uma fala que os homens compreendem naturalmente’” (PITTA, 2020, p. 17).

uma chama de vela em certos momentos da vida para superar obstáculos sociais, pedagógicos, filosóficos. E hoje, já mais amadurecido, vejo que essa chama é justamente aquele Ser que faz a relação com o fogo e a cera, esse Ser que ilumina os espaços da casa, para habitarmos o espaço do Ser tal qual o ser do Espaço. Nessa relação espaço-tempo, por esse instante que podemos nos comunicar ainda que imaginariamente, acredito eu, que é uma oportunidade para pôr sobre a mesa algumas questões que mereceriam um bom vinho para as discutirmos. A primeira delas diz respeito a esse vício que sua filosofia nos traz, como disse um bom professor amigo meu, uma filosofia inebriante, quando vemos, hoje, que pensar e filosofar pode ser feito com uma inteligência artificial, e isso me parece muito desmotivador ou talvez paradoxalmente desafiador: como pensar o que o Google não responde? Como criticar o que a inteligência artificial nos traz claramente, e que nós, como sua crítica literária em Lautréamont expõe, podemos expressar de forma mais obscura e complexa? Esse vício de consumir praticamente tudo o que você escreveu, bem como o que escreveram sobre você, acabou me fazendo ir sempre um pouco além e me fez escutar também aquilo que você falou e gravou. O que acabei transcrevendo, traduzindo, do meu jeito, ou pelo menos da maneira com a qual me desenvolvi na língua francesa, no livro *Bachelard: estudos críticos sobre as 'causeries' ou lições de filosofia*. Enfim, de todo jeito, não sei se isso pode surtir efeito, mas, numa física quântica de uma teoria do caos, espero que possamos ter finalmente liberados os arquivos que sua filha guardou de herança e que permanecem fechados para (des)continuar sua filosofia. De todo modo, sei que ainda há o que se escrever e pesquisar sobre sua obra e suas polaridades, sua filosofia integradora das instâncias contraditórias e paralelas da poética e da epistemologia. Eu mesmo, recentemente, estive redescobrimo sua obra *Paisagens* e pretendo escrever sobre essa temática que foi uma das que mais me encantaram em minha própria tese. Confesso, contudo, que, seguindo seu próprio exemplo, aguardo o tempo do meu parricídio filosófico, ou seja, quando também serei um não-bachelardiano, coisa que até você mesmo, em certo momento da vida, conseguiu ser. Aliás, a meu ver, vi poucos filósofos fazerem, como você, esse exercício, tal qual Nietzsche, e talvez Kierkegaard, conseguiram... Uma coisa é certa: a solidão do filósofo acabou, em sua solitude agora ele pode falar com a inteligência artificial ou dialogar com as grandes filosofias. Se isso é um parricídio da própria filosofia, só o tempo vai dizer. Ao retificar descontinuamente minha tese para chegar a uma ideia mais comercial, segundo uma amiga conselheira, a professora Elyana Barbosa (*In memoriam*), publiquei o livro *Bachelard e Heidegger: a estética da inteligência*. Durante o processo de publicação, tive a honra de participar de um evento realizado pelo GP Mythos-Logos da UFRN (criado pela professora Ana Laudelina Ferreira Gomes) em que a

professora Constança Marcondes César tematizou Bachelard e Heidegger e comentou um pouco do meu livro, o que depois viria a se tornar um dos seus prefácios. Enfim, depois de tudo isso, senti ter exorcizado esses espectros filosóficos binários, ou talvez maniqueístas, que rondam nossa dialógica conceitual, e espero poder nos próximos tempos me valer da prática da sua filosofia aplicada, indutiva, ou seja, em equilíbrio entre teoria e prática: um *racionalismo aplicado* e um *materialismo técnico* da complementariedade contraditória e paralela entre *animus* e *anima*, conceito e imagem, tempo-espaço.

Meus votos de felicidades onde quer que você esteja,

Gabriel Kafure

RESPOSTA IMAGINÁRIA:

Estimado Monsieur Gabriel Kafure,

Na minha época, escrever cartas exigia um bocado de papel e tinta, realmente, paciência para que a correspondência chegasse ao destinatário e mais paciência para que uma resposta retornasse. Hoje, com a facilidade das novas fenomenotécnicas da comunicação, fica muito mais fácil agilizar o processo de comunicação; contudo, no além, ou onde quer que eu esteja, as respostas também exigem uma maturação. Nesse sentido, compartilho contigo a satisfação de ver o meu pensamento sendo divulgado, disseminado. Isso me faz sentir em casa, a casa conceitual que construí. Do entendimento de que escrever é um ato de polemização consigo mesmo, vejo que tens efetuado tal tarefa, trabalhando-a junto às tuas inseguranças e inquietações sobre teu próprios escritos. Diria que o surracionalismo da atividade científica contemporânea continua a ser uma via do que chamastes “devaneio-manifesto”, para, sem deixar de delimitar o conceito e a imagem, conseguir dentro dessa polarização resultados plausíveis e satisfatórios para o inconsciente coletivo, como diria Jung. Não deixo também de admirar outras dissidências hermenêuticas do bachelardismo, surfando nas ondas do imaginário do grande vórtex quântico. De todo modo, acredito que ainda há muito espaço para a descontinuidade deformativa desse pensamento que não é meu, mas que pertence ao grande limiar entre o logos e o caos. Assim, acredito que possas prosseguir no interesse que é esse “entre” que nos permite passagens e saídas do pensamento comum. Não te esqueças, entretanto, de produzir um movimento sempre referente aos mestres e amigos que auxiliam no impulso de valorização mútua, para que possas chegar um dia a um pluralismo coerente da tua cidade científica. A ciência não tem preconceitos, se Heidegger disse na sua angústia fenomenológica que *a ciência não pensa*, eu complemento que tanto

a Inteligência Artificial não pensa quanto a opinião não é ciência. Que nos resta, então? O criar fenomenotécnico entre os caminhos e novos espaços que farão diferença para quem ler a filosofia brasileira, reconhecer, mesmo que dialeticamente, *a posteriori*, a própria integração dos mundos ocidental e oriental. Lembre-se que essa é essência da minha dialética: *cogitamus*, só conversando é que a gente se entende, e o poder do diálogo, certamente, vai além do face a face, ou seja, tu sempre poderás dialogar comigo e com meus livros, em qualquer espaço-tempo, na casa do Ser (linguagem) ou no ser da tua Casa (cultura). Espero que a situação política no teu país melhore e que todos possam habitar com paz suas subjetividades fenomenotécnicas nesse e em outros instantes heterocrônicos.

Minhas saudações cordiais,

G.B. (*In imaginarium*)

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *El compromiso racionalista*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1973.
- _____. *A poética do Espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CARVALHO, Marcelo, *Gaston Bachelard e a androginia da alma*. Rio de Janeiro: Mauad. 2013.
- COUTINHO, Evaldo. *O espaço da arquitetura*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DRENTHEN, Martin. “Environmental Hermeneutics and the Meaning of Nature”. In GARDINER, S.; THOMPSON, A (eds.). *Oxford Handbook of Environmental Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2015, pp. 162-73.
- FOUCAULT, Michel. “Gaston Bachelard, le philosophe et son ombre”. *Le Figaro littéraire*, Paris, n. 1.376, p. 16, 30 set.1972.
- _____. “Outros espaços”. In _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- _____. *Utopias reais ou lugares e outros lugares*. Trad. Caronila Dritrich. (*n.t.*) *Revista literária em tradução*, Florianópolis, n. 1, pp. 404-27, set. 2010.

- GADAMER, Hans George. *A razão na época da ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- GUEIROS, Zander. *Devaneios entrópicos*. Teresina: Entretrópicos, 2022.
- HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica”. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, 2007, pp. p. 375-98.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- SOUZA, R. M. “Epistemologia e Hermenêutica em Bachelard”. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 90, pp. 47-93, 1987.
- PIERRON, Jean-Philippe. “Gaston Bachelard ou la joie d’habiter”. *Bulletin Amis de Gaston Bachelard*, n. 19, 2017.
- PITTA, Danielle. “A dinâmica dos quatro elementos no candomblé”. In _____; BOARO, J.; ALMEIDA, R. (org.) *Imaginário africano e afro-brasileiro*. São Paulo: FEUSP, 2020.
- ROCHA, Gabriel Kafure. *A estética da inteligência: espacialidades em Bachelard e Heidegger*. Petrolina: IFSERTAOPE, 2022.
- _____; SOSA CISNEROS, Armando. “Bachelard e Foucault: Uma análise dos espaços heterotópicos”. NIGRO SOLÍS, D. E. et al. (org.). *Coleção Anpof XIX – Filosofia Francesa Contemporânea*. São Paulo: Anpof, 2019, v. I, pp. 166-75.
- _____; SOUZA, José P. Maldonado. “Arqui-textura dos espaços: um diálogo entre Bachelard e Coutinho”. *Geograficidade*, Niterói, n. 11 (especial), pp. 26-39. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/30851>
- SILVA, Luzia. *Os complexos imaginários: imagens, estereótipos e obstáculos*. Curitiba: CRV, 2013.
- SOSA CISNEIROS, Armando. *El sentido del espacio*. México: Miguel Ángel Porrúa, 2006.
- VAN BUREN, John. “Critical environmental hermeneutics”. *Environmental Ethics*, v. 17, n. 3, pp. 259- 75), n.1. 1995.